



Apresentação do dossiê:
A cor, a palavra e o corpo negro: subjetividade e formação social.

Marcos Aurelio Barbai¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4693-1401>

A descoberta de ser negra é mais do que a constatação do óbvio. (Aliás, o óbvio é aquela categoria que só aparece enquanto tal depois do trabalho de se descortinar muitos véus.) Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas expectativas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas.

Neusa dos Santos Santos, 2021, p. 18

No campo da Análise de Discurso materialista, somos advertidos de que “(...) é ilusório colocar para a história uma questão de origem e esperar dela a explicação do que existe.”, dirá Paul Henry (2003, p. 51-52), em “A história não existe?”. Porém, gostaria de recuperar o trabalho de um historiador, que reflete sobre o estatuto político e simbólico das cores.

O historiador francês Michel Pastereau tem todo um trabalho minucioso, europeu e de muita qualidade, refletindo sobre a história de uma cor. O objetivo do autor é, de certa forma, retratar a história das cores primárias (branco, vermelho, preto, verde, amarelo, azul) na história ocidental. O interessante desse trabalho documental é que se pode observar, em ato, um autor que toma as cores em sua essência transdocumentária e transdisciplinar. Dentre esses aspectos há o léxico já que “a história das palavras traz, para o nosso conhecimento do passado, informações numerosas e pertinentes; no domínio

¹ Pesquisador B do Laboratório de Estudos Urbanos, do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. É professor permanente do PPG - DCC (Programa de Pós- Graduação em Divulgação Científica e Cultural (Labjor/IEL). Psicanalista membro de Escola –EPFCL- Brasil. E-mail: barbai@unicamp.br.

da cor, a história ressalta como, em qualquer sociedade, sua principal função é classificar, marcar, proclamar, associar ou opor” (cf. Pastereau, 2008, p. 15).

Para o autor, “o léxico proporciona um outro testemunho dessa diversidade de tonalidades pretas percebidas pelos povos antigos. As palavras servem para captar as diferentes nuances utilizadas pelos artistas, mas também, e sobretudo, para nomear todas as qualidades de tonalidades pretas na natureza.” (idem, p. 25). Nos faço aqui uma pergunta: o que o preto e suas tonalidades nomeiam em nossa sociedade brasileira?

Em se tratando do vocabulário, diz ao autor que o latim está um pouco mais próximo de nossa concepção moderna das cores. Isso por conta de um jogo variado de prefixos e sufixos, para dar prioridade à expressão da luz (clara/sombria; opaca/brilhante) da matéria (saturada/insaturada) da superfície (unida/composta/lisa/rugosa). No que se refere ao latim, o preto é distinguido em dois grandes conjuntos: o preto opaco (ater) e o preto brilhante (niger). Há um campo semântico durável no latim: *ater* e *niger* para preto, *albus* e *candidus* para o branco.

Ater, de origem etrusca, figurou durante muitos séculos para designar a cor preta. No entanto, figurou como uma palavra que nomeava a nuance opaca ou neutra de preto. É por volta do século II, antes de nossa era, que o preto assumiu uma conotação negativa: “tornou-se a cor preta má, feia, suja, triste, e até mesmo “atroz” (o adjetivo francês omitiu o sentido cromático para conservar apenas o afetivo)”. (idem, p. 26). Em se tratando da história vocabular das cores, o autor sublinha que as línguas antigas (hebraico, grego e latim) mostram que no processo de nomear a cor, “o parâmetro mais importante é o da luminosidade. A coloração vem depois. A questão da luminosidade é flagrante, já que o preto é utilizado para iluminar e não para escurecer”. O francês antigo, que de certa forma se torna uma língua importante para muitas cortes europeias, despreza a palavra latina *ater*, tornando o *niger* (*noir*, *neir*) como sua base.

Nesse processo de construção da palavra, a cor preta se formula em uma base simbólica que não devemos ignorar. A cor preta é “triste, funesta, feia, horrenda, cruel, maléfica, diabólica” (idem, p. 27). E segue o autor: “Mas, para expressar nuances de qualidade ou de intensidade cromática (opaca, brilhante, densa, saturada, etc), somos forçados a recorrer a comparações: preto como o piche, preto como jabuticaba, preto como o corvo, preto como tinta.” (idem).

Ao ressaltar, no estudo de um historiador, o que testemunha na história a cor preta, tenho por finalidade fazer balançar os efeitos de sentido que corporificam a cor preta. Não se trata, evidentemente, de enunciados empíricos. Preto é a cor da peste. Não uma peste

qualquer, mas “Peste Negra” – nome que designa uma epidemia que atingiu a Europa entre 1346 e 1350. Preto é ainda a cor da melancolia, da prisão e... da elegância. Pastoureau conclui com uma questão: “Uma cor perigosa?” (idem, p. 188). É o preto uma cor como as outras?

Em solo brasileiro, nós sabemos em corpo, povo e raça a produção de sentidos da cor preta. Ela, como tão bem destacou Siniscalchi, Dias e Helsinger (2024, p. 92), é parte da história da escravidão. Uma cor que despojou milhares de sujeitos de sua história, da família e seus antepassados. O que resta são lacunas e silêncio, silêncio esses também dos arquivos (cf. Orlandi, 1992), “inscrevendo a história nos domínios do indizível e as suas origens no registro do desconhecido.” (idem).

Assim, convido os leitores desse dossiê a um conjunto de questões quais somos confrontados em nosso cotidiano, na sociedade brasileira: como situar o problema do racismo, da cor e da subjetividade? Como pensar as relações contemporâneas, no que tange à emocionalidade e os corpos, na cidade, quando pensamos a negritude no Brasil?

A finalidade dos textos, aqui reunidos, é a de fomentar essas e outras reflexões. Os artigos são tecidos por diferentes pessoas, de diferentes formações e percursos de pesquisa, estudo e trabalho. A base desse dossiê está na experiência de transformar uma disciplina de curso de Pós-Graduação, em um laboratório de escrita. Experiência essa praticada no interior do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural (Labjor/IEL – da Unicamp), na disciplina JC 005 “Jornalismo, Ciência e Tecnologia”, no ano de 2024. Agradeço, portanto, ao Laboratório de Estudos Urbanos, através da Revista RUA, de acolher esses textos, na particularidade de um Programa de Pós-Graduação, que tem muitos servidores da Carreira de Pesquisador da Unicamp, como docentes de curso.

Podemos, com nossa escrita, uma escrita discursiva, esburacar a memória, naquilo que faz do negro, do preto, uma avaria (cf. Baptista, 2021, p. 122) simbólica, política, social e de tecnologia? Podemos, com nosso gesto de leitura, interferir naquilo que a socióloga Ruth Frankenberg chamou de Color blindness – ou seja, “cegueira racial” (cf. Schwarcz, 2024, p. 52)?

Por fim, nos deixo com um dito ético e político de Michel Pêcheux:

“Aceitar todas essas questões como sérias, e não folclóricas ou como “anexos da literatura”, significa não tratar a língua como mero Meio, que permite descrever esses processos (um espelhamento desses processos), mas sim, como um *campo de forças* constitutivo desses processos, por meio dos “jogos de linguagem”, do trilhar metafórico dos sentidos e dos paradoxos de enunciação, que as discursividades

trabalham na e contra os “corpos” de regras de cada língua” (Pêcheux, 2011, p. 119).

Referências:

- BAPTISTA, Izildinha. **A Cor do inconsciente**: Significações do corpo negro. São Paulo, Perspectiva, 2021.
- PASTOUREAU, Michel. **Preto: história de uma cor**. Tradução: José Alfaro. São Paulo, Editora Senac, 2014.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamo, 1992.
- PÊCHEUX, Michel. Ideologia - Aprisionamento ou Campo Paradoxal? In: **Análise de Discurso de Michel Pêcheux**: textos escolhidos por Eni P. Orlandi. Campinas, São Paulo, Pontes, 2011, p. 107-130.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Imagens da branquitude**: a presença da ausência. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- SINISCALCHI, Bruno; Dias, Luciano; HELSINGER, Natasha. **É de raça que estamos falando**: tornar-se herdeiro da psicanálise no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: 7Letras, 20024.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro e ascensão social. Rio de Janeiro, Zahar, 2021.

Para citar essa obra:

BARBAI, Marcos Aurélio; A cor, a palavra e o corpo negro: subjetividade e formação social. In: **RUA** [online]. Volume 31, número 1 – p. 225-228 – e-ISSN 2179-9911 – junho/2025. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.
<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: Paulino, Rosana; Bastidores, imagem transferida sobre tecido, bastidores de madeira e linha de costura, 30 cm de diâmetro, 1997. Imagem: Cláudia Melo/Reprodução

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEORB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
<http://www.labeurb.unicamp.br/>
Endereço:
LABEORB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS
UNICAMP/COCEN / NUDECRI
CAIXA POSTAL 6166
Campinas/SP – Brasil
CEP 13083-892
Fone/ Fax: (19) 3521-7900
Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>